

**“EDUCAÇÃO EM MUDANÇAS: RASTROS  
E CAMINHOS EM TEMPOS  
PANDÊMICOS”**

**A EDUCAÇÃO DAS PRÁTICAS COTIDIANAS E DO CORPO PENSADA POR  
MÉDICOS (E)EUGENISTAS (1920-1940)**

Fernando Tadeu Germinatti  
Mestrando em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

Eixo 2 – Educação, Cultura e Produção de Sujeitos

Parte-se do entendimento contextual de que desde o final do século XIX o Brasil convivia com os ideais eugênicos, e que os mesmos eram ventilados e pensados por intelectuais, ou melhor, homens que exerciam a atividade intelectual pela projeção do pensamento e elaboração mental acerca de suas intenções e desejos para o Brasil. Como conduz o historiador Vanderlei Sebastiao de Souza em obra intitulada *Renato Kehl e a eugenia no Brasil* (2019) ao apresentar que “[...] as ideias eugênicas fascinaram os homens de ciências (e das letras) de tal maneira que muitos passaram a considerá-la como a ‘nova religião da humanidade’, a ‘ciência do corpo e do espírito’”(SOUZA, 2019, p. 300).

Nesta órbita, a classe e os profissionais da prática médica, médicos eugenistas, professores das faculdades de medicina e alunos se dispunham a pensar a educação, em sentido além do escolar, envolvendo as práticas corporais nas ações diárias-cotidianas. Entendendo que, conforme pontua Carmen Lúcia Soares em artigo *Notas sobre a educação no corpo* (2000): “O corpo, portanto, é objeto de conhecimento e de intervenção, é algo que se domina, é mensurável, é construção humana” (SOARES, 2000, p.46).

Outrossim, como bem traz Carmen Soares (2000), o corpo passa a ser constantemente olhado como elemento a ser alterado e melhorado, o que concomitantemente, aos eugenistas, implicava a ação de homens do saber médico e educacional. Visto que, o saber médico acabara adentrando ao campo educacional em razão da vigência dos ideários eugênicos. “O discurso e a prática médica em suas concepções higienistas, de forte caráter moralizador, normativo e adaptativo-educativo, constituíram-se em instrumentos de intervenção na sociedade” (idem, p.53).

Para atingir os objetivos da presente discussão, propõe-se a análise discursiva de edições do periódico *Correio Paulistano*, contidas no site/plataforma da Hemeroteca

Digital Brasileira, aliada à leitura de bibliografia da historiografia que volta-se ao campo da história intelectual e história da ciência.

Nesta conjuntura, o médico psiquiatra Aníbal Silveira (1902-1979) em texto denominado *Physicultura Colletiva* de 1928, no jornal *Correio Paulistano* torna evidente o raciocínio construído pelo historiador Vanderlei Sebastião de Souza (2019) acerca do cuidar físico. Assim: “[...] a educação do corpo só consegue realizar modificações [...] via eugenica. [...] tornar a gymnastica da escola primária independente das outras disciplinas. Promover accordo entre os núcleos despostivos de espécie diversa [...]”(Correio Paulistano, 8 de fevereiro de 1928, p. 5).

Com o raciocínio do médico Aníbal Silveira, toma-se clara a interpretação do entendimento de que pela educação física os corpos poderiam não apenas ser fortalecidos, como corrigidos. Como bem expõe o historiador Mozart Linhares da Silva, ao afirmar: “A educação física, como a educação de modo geral, deveria estar engajada nesse projeto de higienização social, de aperfeiçoamento moral e racial da população” (SILVA,2013, p. 918).

Frente às novas condições e papéis destinados à educação física enquanto saber escolar (e de vida) na possibilidade do melhoramento corporal, Mozart da Silva ainda vai indicar que: “O corpo adestrado, regulado, saudável e ajustado à economia do poder é condição para as práticas de constituição da norma e dos processos de normalização” (idem, p. 903).

No mesmo sentido, o também médico Alfredo Pinheiro, vai dizer no jornal *Correio Paulistano*: “No Brasil só tem o problema nacional a educação do povo, diz com tamanha oportunidade Miguel Couto. Ora, educar, implica instruir e sanear. Não é possível instruir a gente viciada. Alfabeticar é higienizar. Sanear é instruir [...]” (Correio Paulistano, 20 de novembro de 1929, p. 11).

Ainda nas linhas do mesmo jornal *Correio Paulistano*, em artigo assinado apenas como por “Dr. Mello”, em texto intitulado de *A Victoria da Eugenia*, de 1934, ele conduzia a discussão expondo: “[...] a medicina encontra meios capazes de evitar [...] cancos sociaes e, isso, já tem anunciado pelas incipientes regras da eugenica. O ideal será uma sociedade composta de indivíduos sãos de corpo e alma [...]”(Correio Paulistano, 28 de outubro de 1934, p. 12).

O raciocínio tido pelos médicos acima é acompanhado por Isaltino de Mello, possivelmente sendo ele um educar, que pensava a relação medicina, higiene e educação vai então pronunciar-se dizendo, assim: “De que valeria para a collectividade, uma

criança alfabetizada, porém rachítica, empaludada, cheia de preconceitos desconhecendo as regras de higiene domiciliar, de alimentação, vestuário e costumes?” (Correio Paulistano, 12 de maio de 1938, p. 5).

Não obstante, supostamente, a medicina e a *higiene* poderiam e deveriam ser pensadas, como visto, no âmbito institucional da vida humana, escolas, presídios, manicômios, tarefa que chamava além dos médicos, educadores, juristas e elite intelectual para o debate. É neste sentido, que no livro “*História da sexualidade: A vontade de saber*” (1988) o filósofo francês Michel Foucault, conduz a argumentação apontando que “as disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (FOUCAULT, 1988, p. 156).

Com efeito, a antropóloga e historiadora Lilia Katri Moritz Schwarcz em sua obra clássica *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*, publicado em 1993, caracteriza bem o momento de pensamento ao apontar em linhas claras que: “Na ótica médica o objetivo era curar um país enfermo, tendo como base um projeto médico-eugênico, amputando a parte gangrenada do país, para que restasse uma população de possível ‘perfectibilidade’” (SCHWARCZ, 1993, p. 249).

Nesta ânsia em buscar de tratar o Brasil dos seus males, fossem eles doenças, falhas educacionais ou morais, cabia aos médicos, professores de faculdade de medicina e seus alunos, além de higienistas e eugenistas, ampliar as redes de divulgação, propagandas e informações acerca das más práticas, vícios tais como o alcoolismo, e os perigos de uma vida dita degenerada.

Cabia, ainda, ser ampliada a própria função do médico e da medicina dentro da sociedade, em um momento em que, quando trata-se de analisar desde o fim do século XIX até as primeiras décadas do século XX, observa-se de forma atenta, não por acaso, que “[...] eleva-se a figura do médico: ele [...] passa a viver de seu trabalho como cientista, pesquisador, que financiado pela nação e formado pelas universidades, intervém na realidade e a transforma” (idem, p. 250).

Caminhando para as conclusões finais, resta anunciar que a pesquisa realizada com o método de análise qualitativo, encontrou pertinentes textos de médicos na imprensa paulistana no tratar da educação do corpo, em especial, no jornal *Correio Paulistano* (1854-1963) importante periódico da cidade de São Paulo, que circulou entre a segunda metade do século XIX e nas primeiras seis décadas do século XX, abrindo espaço para discussões futuras mais abrangentes e extensas.

À guisa de conclusão, evidencia-se o papel de proeminência da medicina social em conduzir as discussões educativas e educacionais. Outro ponto a ser destacado é a condução intelectual dos médicos brasileiros aliados ao pensamento eugenista na concepção de teorias europeias, na (re)apropriação dos mesmos, que pareciam chamar para si a tarefa de “corrigir” os rumos da nação, moldando-a conforme os preceitos da eugenia. Em tempo, a adoção dos ideais de eugenia pela classe e pelo campo médico favoreceu uma própria mudança da prática e do olhar médico, concomitantemente, à sua atuação dentro da sociedade, que voltou-se a pensar os problemas voltados ao campo da educação, do sanitarismo, da criminalidade e da convivência social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo; Educação; Eugenia; Medicina.

## **REFERÊNCIAS**

CORREIO PAULISTANO (SP). São Paulo: 1854-1939. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=090972&pesq=>. Acesso em 31 out. 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Mozart Linhares da Silva. **Biopolítia, Educação e Eugenia no Brasil (1911-1945)**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 8, n. 4, 2013.

SOARES, Carmen Lúcia. **Notas sobre a educação no corpo**. Educar em Revista, Curitiba, n. 16, 2000, p. 43-60.

SOUZA, Vanderlei S. de. **Renato Kehl e a eugenia no Brasil: ciência, raça e nação no período entreguerras**. Guarapuava: Editora Unicentro, 2019.